

# **O CHAPÉU ENCANTADO**

CHARLES TORQUET



**FREE BOOKS**

CHARLES TORQUET

O CHAPÉU  
ENCANTADO

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS  
ESTRANGEIROS

HUMOR

**Título:** O Chapéu Encantado.

**Autor:** Charles Torquet (1859 – 1930).

**Tradutor:** Autor desconhecido do séc. XX. Fizeram-se breves adaptações textuais.

**Fonte:** “Revista da Semana”, edição de 17 de janeiro de 1934.

**Imagem da capa:** Piotr Siedlecki.

**Leiaute da capa:** Canva.

**Série:** Nossos Autores – vol. 57.

**Editor:** Free Books Editora Virtual .

**Site:** [www.freebookseditora.com](http://www.freebookseditora.com)

**Direitos da obra e da tradução:** Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei nº 9.610/1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano.

**Ano:** 2018.

*Sites* recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,  
<http://www.contosdeterror.com.br/>

## Sumário

O CHAPÉU ENCANTADO.....5

SOBRE O AUTOR.....15

## O CHAPÉU ENCANTADO

Veio à conversa, depois de jantar, esse instinto que infalivelmente conduz certos animais perdidos cá sua residência habitual. Histórias de cães, histórias de gatos. Nisto, Bourgeron desatou a rir silenciosamente, mas dum riso impetuoso, violento, que lhe tornou o rosto, já de si bastante corado, vermelho como um tomate.

— Que é isso? — perguntou um de nós — Por que ri dessa maneira?

— Estou rindo... — respondeu ele a custo e entrecortadamente — porque eu... bem, por causa de um chapéu...

—Que negócio é esse ? Explique-nos.

E Bourgeron, dominando pouco a pouco aquela crise violenta de hilaridade, disse-nos:

— Trata-se do seguinte. Conheci um chapéu que voltava à presença do dono como qualquer cão ou gato, senão ainda melhor.

Acusamos o nosso amigo de ter bebido demais, de nem mais distinguir os animais dos simples objetos.

Então, para se justificar, ele nos contou o que se segue.

\*

— Abandono facilmente as minhas roupas quando é necessário substituí-las por outras novas. Com os chapéus, porém, muda o caso de figura. Afeição-me, apego-me a eles e para os jogar fora é uma tragédia. Então que querem? Cada qual como Deus o fez. Para mim não há nada tão cômodo, tão agradável como um chapéu velho. E disso me tem resultado não poucas discussões com minha mulher, que faz questão de me ver sempre no prumo, corretíssimo. Um dia, por causa dum chapéu de

feltro cinzento, que eu teimava em usar, a patroa foi ao delírio. Declarou que não podia continuar a sair à rua comigo, porque aquela indecência, na minha cabeça, a cobria, a ela, de ignominia. E acrescentou:

— Bourgeron, estou farta de passar, por causa desse chapéu de mendigo, por aquilo que não sou! Não quero tornar a vê-lo. Ou você o joga fora, ou eu requero o divórcio. Ouviu bem?

Ora eu sempre gostei mais dela do que do chapéu. Prometi, por isso, obedecer ao seu ultimato:

— Está bem. Vou perdê-lo, coitado, como fizeram os pais do Pequeno Polegar.

— E vai voltar para casa com a cabeça ao léu?

— Por que não? Todos os rapazes andam assim pela rua...

— Sim, mas eles têm cabelo.

—E eu tenho a minha dignidade!

Vou dali direito ao bar. Penduro o chapéu num cabide. Saboreio um bom uísque, pago e saio sorrateiramente, piscando o olho a mim mesmo. Pronto, estou livre do chapéu! Mal, porém, dou uns vinte passos, o garçom me chama, alcançando-me:

— O chapéu, senhor Bourgeron! Esqueceu o chapéu.

— Obrigado, André... — respondo-lhe. — Mas pode ficar com ele. Dou-lhe de presente. E olhe que me custou nada menos que duzentos francos. Em feltro inglês. Não há melhor!

Vivemos, porém, num tempo em que os garçons são mais elegantes que os fregueses.

André olha o objeto, torce desdenhosamente o nariz e, metendo-me o chapéu nas mãos com uma fórmula sumária de agradecimento, abala, sem esperar outra gorjeta. Furioso, atiro o objeto ao chão e parto também a toda a pressa. Vinte



passos adiante, ouço uma vozinha que me chama. Volto-me. Um pequenote dos seus seis anos me apresenta o ignóbil chapéu, declarando, pouco mais ou menos:

— Mamãe manda-lhe dizer que não foi em atenção ao senhor que ela apanhou isto do chão, mas sim por causa do desgosto que sua senhora há de ter, vendo-o chegar a casa nesse estado...

Dessa vez, bracejo, sapateio de raiva. Depois, notando que riem de mim, retomo o meu caminho com a maldita velharia debaixo do braço. Compreendo então que estou vivendo numa espécie de conto de fadas com um traste que as potências infernais decidiram introduzir na minha vida para sempre... A essa ideia, porém, sinceramente me revoltei. Resolvi lutar até a última. E logo me acudiu um expediente de primeira ordem.

Entrei numa chapelaria, comprei um chapéu novo e deixei o velho em cima do balcão.

— E este onde o devo mandar — indagou o vendedor.

— A parte nenhuma! — bradei, fora de mim.  
— Dê-o a um pedinte, a quem quiser.

O vendedor atirou o chapéu para um canto e acompanhou-me até a porta:

— E nada mais, por hoje? Então, muito obrigado. Às suas ordens.

Apressei-me a voltar para casa, porque esperava para almoçar conosco o protegido dum sujeito importante que para ele me pedira um emprego nos meus escritórios. O pobre rapaz estava há seis meses sem trabalho e em vésperas de ter que recorrer à "sopa dos pobres".

Minha mulher felicitou-me calorosamente pela aquisição que eu acabava de fazer e foi dar, com a cozinheira, os últimos retoques no almoço. Tocaram a campainha. A copeira tinha cortado um dedo e estava procedendo ao necessário curativo. E, como não sou de luxos, fui eu mesmo

abrir a porta. Era um rapaz deveras simpático. Chamava-se Diniz Laroque.

Fiz com que falasse durante o almoço para avaliar as suas aptidões. Foi amável com minha mulher, que lhe prodigalizou os seus conselhos. Café, licores...

— Bem — disse eu ao neófito —, é seu o emprego. Pode entrar hoje mesmo.

Diniz, bastante inteligente para não ter outra coisa a fazer naquele dia, declara-se pronto a acompanhar-me. Chegamos ao corredor de entrada, onde está o cabide. Pego o meu chapéu, enfio-o na cabeça, dou-lhe um jeito airoso e, voltando-me para o meu novo empregado, pergunto-lhe:

— Você, que é um rapaz de gosto, que tal acha o meu chapéu novo?

Diniz, porém, faz uma careta e logo a seguir dá sinais duma incontível vontade de rir.

Surpreendido e escandalizado, viro-me para o espelho... E solto um brado de espanto.

Minha mulher acode e, com os olhos saltando-lhe das órbitas, vocifera:

— Se é uma brincadeira, Roberto, fique sabendo que não lhe acho graça nenhuma. Você tinha-me jurado botá-lo fora duma vez!

De novo, senhores, a minha fronte se coroava do infame, caricatural chapelório! O maldito voltara. Não imaginam a minha cólera.

Não sabia que decisão tomar. Desatei a rugir como uma fera e a dar pontapés na mobília.

— Quem foi o patife, o bandido — berrei — que teve o desaforo de trazer isto cá para casa?

O rapaz, que tremia da cabeça aos pés, balbuciou timidamente:

— Mas, senhor Bourgeron, fui eu. Que mal há nisso?

— E ainda me pergunta isto? O senhor acaba de causar nada menos que o meu divórcio. Ponha-se lá fora!

Houve, então uma cena comovedora.

O pobre rapaz andava habitualmente sem chapéu, não por esnobismo, mas por economia. Tendo, porém, sabido que eu era homem avesso a modernismos exagerados e a todas as extravagâncias, tratara de arranjar, para vir à minha presença, um chapéu qualquer e, como não dispunha dos meios necessários para comprar artigo em primeira mão, entrara numa chapelaria e perguntara se não teriam acaso algum chapéu usado, abandonado pelo freguês e que lhe cedessem, a ele, a resto de barato...

— Meu rapaz — respondeu o negociante —, o seu caso interessa-me deveras. Faz-me lembrar o dia em que cheguei da minha província quase descalço, com um boné quase roto... Infelizmente, no momento só tenho isto à mão. Está velhinho, com efeito... Mas a sua mocidade

o fará parecer novo. E é com verdadeiro prazer que lhe ofereço, de graça.

Minha mulher e eu tínhamos os olhos rasos de água...

Conservei o empregado e, como ele tinha a mesma medida de cabeça, fiz-lhe presente do meu chapéu — do novo, porque o velho resolvi guardá-lo preciosamente, como mascote.

Se o quiser ver, lá está no cabide do corredor de entrada. Aposentei-o com todas as regalias: só sairá de minha casa quando eu também sair... definitivamente. E sinto-me agora satisfeito por lhes ter provado, a vocês, que um chapéu pode mostrar fidelidade superior à de todos os gatos, cães e pombos deste mundo.

## **SOBRE O AUTOR**

**Charles Torquet** (1864 - 1938), escritor francês, era amigo do pintor neoimpressionista Paul Signac, que o retratou, de costas, em um quadro de 1883. Roteirista do cinema nascente, foi tradutor de Fiódor Dostoiévski. Deixou contos e novelas, dentre as quais “Paris en Huit Jours: Choses Vues” (1922).